

Os moradores mais precavidos já colocaram suas casas à venda, embora mantenham alguma discrição. Os comerciantes evitam qualquer obra que represente investimentos altos. Pessoas que receberam terrenos mediante o compromisso de construir no máximo em seis meses simplesmente "esqueceram" o prazo. Todos estão com medo das areias de Itaúnas, a 30 quilômetros de Conceição da Barra, no norte do Espírito Santo. Na década de 50 elas soterraram um povoado e agora se aproximam com rapidez da pequena cidade, ameaçando a todos.

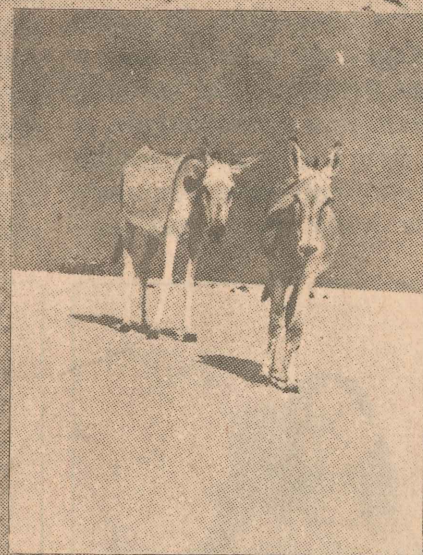
AJ09007

Domingo

# Caderno Dois

VITÓRIA (ES), DOMINGO, 15 DE FEVEREIRO DE 1981

# ITAÚNAS



## A areia ataca pela segunda vez

**Daniel Lopes**

As areias que cobriram completamente a vila de Itaúnas, no município de Conceição da Barra, na década de 50, forçando a população a reconstruí-la em outro local, estão ameaçando novamente a cidade. O principal indício foi observado no rio que atravessa a região. Ele já está parcialmente soterrado e só não mudou

nosso povoado não dura muito tempo. Têm até algumas casas que amanhecem com areia em vários lugares. E não tem jeito, não adianta fechar porta e janela que ninguém impede a entrada dela na casa. E uma coisa medonha, parece até castigo — comenta João Divino da Silva, velho morador do lugar.

A ação mais recente das areias foi observada na área onde ficava o cemitério da

descampado/ De trás da vila se via/ O mar bramindo lá fora/ Só areia existia/ Onde era mata outrora/ Cortaram tudo que havia/".

A derrubada da mata e a destruição total da vegetação rasteira tiraram os pontos naturais de resistência do solo, facilitando a ação do vento nordeste que na região sopra constantemente, mais fraco pela manhã e

Há um ano, contudo, os mesmos problemas começaram a se repetir no pequeno distrito. As dunas, em alguns pontos com até seis metros de altura em relação ao nível do mar, estão se deslocando com rapidez na direção da cidade — sempre levadas pela força do vento nordeste. Os pontos sem sustentação, como um que fica onde era o cemitério do

Na ocasião ele disse que voltaria a Itaúnas com equipamentos capazes de permitir um estudo mais completo e prepararia um trabalho completo ao Governo do Estado do Espírito Santo. "Ele disse que isso aqui tem solução e que não custa caro — conta o comerciante Antônio Vilela — nem é difícil de fazer. Pelo que disse, basta fazer um plantio



## Daniel Lopes

As areias que cobriram completamente a vila de Itaúnas, no município de Conceição da Barra, na década de 50, forçando a população a reconstruí-la em outro local, estão ameaçando novamente a cidade. O principal indício foi observado no rio que atravessa a região. Ele já está parcialmente soterrado e só não mudou de curso porque a Prefeitura, chamada às pressas, fez trabalhos de drenagem e aprofundamento do canal.

No pequeno povoado, de 90 casas residenciais, cinco bares, uma mercearia e uma igreja, a 30 quilômetros de Conceição da Barra e a 8 da divisa do Espírito Santo com a Bahia, ainda não existe pânico, mas um número razoável de famílias começa a pensar em mudança. A melhor casa de veraneio da região, construída há dois anos e decorada com barcos e correntes antigas, está à venda por Cr\$ 300 mil.

Até mesmo a Prefeitura de Conceição da Barra está encontrando dificuldades para convencer pessoas que receberam terrenos gratuitamente em Itaúnas com o compromisso de construir casas de veraneio em um prazo máximo de seis meses, a cumprirem o trato. Os funcionários preferem minimizar o problema, dizendo que ninguém investe no lugar por falta de dinheiro e ameaçam cancelar as doações se as obras não forem iniciadas nos próximos 90 dias.

### HISTÓRIA VERDADEIRA

O temor de todos é que aconteça no povoado o mesmo que ocorreu na antiga Vila de Itaúnas, fundada no século XVI para dar apoio a jesuítas e comerciantes que se deslocavam entre Ilhéus, na Bahia, e Vitória, no Espírito Santo. De acordo com os registros existentes, em 30 anos a cidade — bem maior do que a atual — foi soterrada pelas areias, causando grandes prejuízos e deixando dezenas de famílias emocionalmente abaladas.

— Muita gente ainda duvida, mas eu que todos os dias vou observar a areia soprada pelo vento nordeste estou certo de que esse

nosso povoado de trás da vila se via/ O mar bramindo lá fora/ Só areia existia/ Onde era mata outrora/ Cortaram tudo que havia//".

A derrubada da mata e a destruição total da vegetação rasteira tiraram os pontos naturais de resistência do solo, facilitando a ação do vento nordeste que na região sopra constantemente, mais fraco pela manhã e mais forte na parte da tarde, quase à noite. Em poucos anos tudo se transformou em um grande deserto, ocupando uma área em torno de 16 quilômetros quadrados.

### GRANDE DESERTO

O fenômeno das dunas na região, porém, tem explicações científicas indiscutíveis. A Vila de Itaúnas nasceu, prosperou e cresceu durante dezenas de anos sem sofrer qualquer ação danosa da areia até quando um grupo de moradores pediu à Prefeitura de Conceição da Barra que ajudasse na derrubada de uma mata que existia entre a cidade e um pequeno curso de água.

— Foi aí que a coisa se complicou para todos — recorda João Divino. O prefeito deu o dinheiro, parece, que 30 contos de réis naquela época, e um fiscal contratou o serviço. Todo mundo foi derrubar a mata. Depois fizeram queimada, arrancaram os tocos, deixaram o terreno limpo, sem nada. Não demorou muito: em uma semana, no primeiro verão forte, o nordeste começou a soprar aquela areia fina para dentro das casas e em 30 anos a cidade não existia mais. Estava embaixo da areia.

No livro *A Vila de Itaúnas*, publicado pelas Edições Cricaré, o estudioso Hermógenes Lima Fonseca usa versos chorosos para registrar o acontecimento: "E doloroso se contar/ A empreitada em que deu/ O povo foi convocado/ E na mata semeteu/ Tudo foi derrubado/ Depois o fogo comeu/ Virou tudo

de escampado/ De trás da vila se via/ O mar bramindo lá fora/ Só areia existia/ Onde era mata outrora/ Cortaram tudo que havia//".

A derrubada da mata e a destruição total da vegetação rasteira tiraram os pontos naturais de resistência do solo, facilitando a ação do vento nordeste que na região sopra constantemente, mais fraco pela manhã e mais forte na parte da tarde, quase à noite. Em poucos anos tudo se transformou em um grande deserto, ocupando uma área em torno de 16 quilômetros quadrados.

### AS TESTEMUNHAS

Hermógenes Lima Fonseca garante que a primeira pessoa a identificar o "andar" da areia em direção a Itaúnas foi o velho Aprígio Sena, um dos moradores mais antigos do povoado. "Diariamente, todas as tardes, ele estava na praia olhando uma coisa, olhando outra e depois, quando voltava para casa, comentava com todo mundo, chamava a atenção para um detalhe qualquer e dizia que só na época da chuva é que a areia parava".

Isso aconteceu por volta de 1925 e a cidade, em permanente crescimento, ainda resistiu 30 anos, só indo desaparecer totalmente em 1956. "Foi uma coisa triste — lembra José Divino — porque muita gente não tinha para onde ir. Os comerciantes saíram primeiro, depois o povo todo se reuniu e tirou os santos da igreja. Uns ajudavam os outros, mas tinha muito choro, muita reza e muito prejuízo. Tive família que não conseguiu tirar as coisas de casa de uma vez e quando voltava encontrava tudo debaixo da areia, soterrado".

Os principais líderes do povoado, como o ferreiro Paulino Guanandy, os comerciantes Theófilo Cabral e Victor Palombo, a professora Linda Lage e o curandeiro Dodô Soares, se afastaram pouco, preferindo acampar em barrancos às margens do rio Itaúnas. Com o passar dos dias, ainda cansados e com dificuldades para levar a mudança para pontos distantes acharam que era melhor ficar ali mesmo e resolveram fundar um novo povoado, conservando o nome e o estilo do antigo.

Há um ano, contudo, os mesmos problemas começaram a se repetir no pequeno distrito. As dunas, em alguns pontos com até seis metros de altura em relação ao nível do mar, estão se deslocando com rapidez na direção da cidade — sempre levadas pela força do vento nordeste. Os pontos sem sustentação, como um que fica onde era o cemitério do antigo povoado, se aproximam com uma rapidez ainda maior e começam a forçar o rio a mudar de curso.

— Esse rio antigamente era muito profundo — explica Gervásio Correia, pescador e dono de um barco que atravessa turistas durante o verão — de correnteza rápida. Hoje não, é rasilho, a areia acabou com o canal dele. Se não fosse a Prefeitura que outro dia mandou uma máquina aqui, ele já estava correndo pelo outro lado, atrás da cidade. Por enquanto a única defesa que a gente tem da areia é esse rio. No dia que ele desviar o curso todo mundo pode ir pegando a trouxa e indo embora que não tem mais jeito, não.

O problema é que a areia continua sem encontrar qualquer resistência natural e, empurrada pelo vento constante, se aproxima cada vez mais da cidade. Os poucos comerciantes que permanecem no lugar sempre evitam falar sobre o assunto, mas admitem que não fazem nenhuma construção maior, apesar da presença de tantos turistas, porque as dunas se movimentam muito e "deixam a gente com medo".

### EXISTEM SOLUÇÕES

Oficialmente não existe nenhum estudo a respeito das dunas que soterram o povoado e agora voltam a ameaçar a pequena cidade de Itaúnas. Em janeiro, porém, um homem que se identificou como geólogo ligado à Universidade de São Paulo esteve na região e conversou com a maioria dos moradores, procurando informações a respeito de épocas, períodos de chuvas, estiagem e direção dos ventos.

Na ocasião ele disse que voltaria a Itaúnas com equipamentos capazes de permitir um estudo mais completo e prepararia um trabalho completo ao Governo do Estado do Espírito Santo. "Ele disse que isso aqui tem solução e que não custa caro — conta o comerciante Antônio Vilela — nem é difícil de fazer. Pelo que disse, basta fazer um plantio de árvores com muitas raízes e mais um tipo de grama que serviria para segurar a areia. Parece que ele entende da coisa e a gente tem esperança que vai dar certo se for feito".

Os comerciantes, na verdade, vivem um drama particular em Itaúnas. Todos sabem que correm o risco de ver a cidade soterrada novamente, mas acham que nas redondezas nenhum outro lugar oferece tantas vantagens juntas. Diariamente eles recebem centenas de turistas que vão para conhecer as dunas, ouvir as histórias sobre a cidade que desapareceu e tomar banho de mar na praia considerada excelente e de ondas fortes.

Pensando nisso eles evitam falar na possibilidade de tudo desaparecer e limitam-se a incentivar a divulgação de que alguns pontos do cemitério da antiga cidade começam a aparecer. "Já pensou se a areia desce toda e deixa a antiga Itaúnas a descoberto? Seria um espetáculo maravilhoso, com gente até do estrangeiro, não seria? — raciocina o Antônio Vilela — Acho que melhor do que isso não existe nada. Precisamos é ter apoio para desenvolver o turismo aqui".

Apesar de tudo, o apoio pedido começa a aparecer. Dias atrás a Prefeitura de Conceição da Barra levou em grandes caminhões a madeira que será utilizada na construção de uma ponte que ligue a Vila de Itaúnas até a praia, acabando de uma vez por todas com as travessias feitas em barcos (Cr\$ 50 por pessoa, para ir e voltar). A obra vai permitir uma economia razoável para os turistas. No entanto, nada representa no caminho das dunas que se aproximam cada vez mais do lugar.

# A morte do povoado nos versos de Hermógenes

No ano passado, o estudioso Hermógenes Lima Fonseca publicou o livretinho *A Vila de Itaúnas* — A vila que foi soterrada, como parte de uma série de cadernos que têm o objetivo de registrar a memória da cultura popular de Conceição da Barra. Os versos, embora nem sempre perfeitos, — como reconhece o próprio autor — sintetizam a vida,

a luta e a morte de um pequeno povoado que foi destruído pelo excessivo egoísmo do ser humano, no caso, mais interessado em buscar a riqueza fácil do que em preservar a natureza e garantir, com ela, o bem comum. A GAZETA faz um resumo do trabalho de Hermógenes, procurando destacar os pontos que lhe pareceram mais significativos.

"Leitores vão agora saber  
A história como se deu  
Para todos esclarecer  
O fato que aconteceu  
Era uma vila pacata  
Que de memória ninguém sabe  
Ninguém se lembra da data  
Quando ela foi fundada  
Nenhum sinal se conhece  
Aonde foi registrada  
Suas casas construíram  
De oferecer conforto  
Tinha ruas e praças  
É um bonito porto  
Onde ancoravam barcaças  
Descarregando no porto

Havia comércio importante  
Em que todos prosperavam  
Vendiam o que produziam  
E mais o que importavam  
Bom lucro logo faziam  
Do preço não protestavam  
Mas tudo que Deus faz  
Está muito bem feito  
Ninguém deve se meter  
Em querer mudar o jeito  
Ou seu destino reter  
Mas se considerar satisfeito  
Acharam que a barra do rio  
Deveria ser mudada  
Tornando a vila cidade  
Toda região alagada

Daria oportunidade  
De ser bem aproveitada  
A mata era uma lindeza  
Todo tipo de madeira  
Difícil até de contar  
Tinha muita almesqueira  
Frutas para se catar  
Cambucá e pitangueira  
É doloroso se contar  
A empreitada em que deu  
O povo foi convocado  
E na mata se meteu  
Tudo foi derrubado  
Depois o fogo comeu  
Deu-se, porém, o inverso  
Daquilo que se esperava

Pois o vento do nordeste  
Com a força que soprava  
Começou fazer um teste  
No descampado que estava  
Montes de areia crescendo  
Em toda aquela extensão  
Vinha vindo de mansinho  
Sem nenhuma pretensão  
Um velho bem velhinho  
Fazia observação  
A fumaça de areia  
Vem andando devagar  
Ela vai acabando  
Soterrando este lugar  
Vai acabar desgraçando  
Não adianta xingar

O povo quando acordava  
De areia estava coberto  
A areia fina entrava  
Por todo canto aberto  
Nenhuma coisa tapava  
Nem mesmo se sendo esperto.  
Lá pelo último mês  
Do ano cinquenta e seis  
A missa o padre rezou  
Era um dia de reis  
O povo todo pensou  
É a derradeira vez  
Em trinta anos apenas  
Ficou tudo soterrado

Só o mastro apontava  
O que fizeram de errado  
Marco que atestava  
Que tudo fora encerrado  
A areia não satisfeita  
Sem receio do que fez  
De formar as suas dunas  
Desceu o rio de uma vez  
Quando acabou Itaúnas  
Todo barranco desfez  
Quem esta história escreveu  
Do povo todo ouviu  
E prestou muita atenção  
Conta que não sorriu  
Respeitando a descrição  
De todos que arguiu".